



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

UMA ANÁLISE DOS USOS DE *OLHAR* NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA



AN ANALYSIS OF THE USES OF *OLHAR* (TO LOOK) IN SPOKEN PORTUGUESE OF NORTHWEST OF SÃO PAULO STATE

Lua Camilo NOGUEIRA
Universidade Estadual Paulista, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 04/05/2021 • APROVADO EM 27/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3451>

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o processo de Gramaticalização (doravante, GR) do verbo *olhar* no português falado do interior paulista, buscando descrever os diferentes usos dessa forma verbal e identificar os níveis e as camadas de organização da gramática em que essas formas atuam, com o intuito de obter evidências de ordem pragmática e semântica que auxiliem na proposição de uma trajetória de GR em termos de mudança de conteúdo e mudança formal. Para tal fim, utilizamos como aparato teórico os estudos do processo de GR em sua concepção mais clássica (HEINE *et al.*, 1991; TRAUOGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993, entre outros) e o modelo da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008). Os resultados mostram a existência de uma trajetória de gramaticalização que se inicia nas camadas mais baixas do Nível Representacional e ruma, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal da gramática, com mudanças que afetam tanto o estatuto semântico e pragmático quanto o estatuto formal desses itens, posto que há uma

movimentação que vai de *lexema (item pleno de conteúdo)* > *operador lexical (itens híbridos)* > *operador (itens gramaticais/funções)* (HENGEVELD, 2017).

Abstract

The aim of this paper is to analyze the grammaticalization process of the verb *olhar* (look at) in spoken Portuguese of northwest of São Paulo state, seeking to describe the different uses of this verbal form and identify the levels and layers of organization of the grammar in which these forms operate, for the purpose of obtaining evidence of a pragmatic and semantic for proposing a grammaticalization trajectory in terms of content change and formal change. For this purpose, we adopted as a theoretical apparatus the studies of the GR process in its most classic conception (HEINE *et al.*, 1991; TRAUGOTT, 1995, 2003; BYBEE, 2003; HOPPER & TRAUGOTT, 1993, among others) and the Functional Discourse-Grammar (GDF), developed by Hengeveld and Mackenzie (2008). The results show the existence of a grammaticalization trajectory that begins in the lower layers of the Representational Level and moves, successively, from the lower layers to the upper layers of the Interpersonal Level, with changes that affect both the semantic and pragmatic status as well as the formal status of these items, since there is a movement that goes from *lexeme (full content item)* > *lexical operator (hybrid items)* > *operator (grammatical items / functions)* (HENGEVELD, 2017).

Entradas para indexação

Palavras-chave: Gramaticalização. Gramática Discursivo-Funcional. Verbo *olhar*.

Keywords: Grammaticalization. Functional Discourse-Grammar. Verb *olhar* (look at).

Texto integral

Introdução

A Gramaticalização (doravante, GR) é um dos processos de mudança linguística mais comuns nas línguas em geral, conforme afirmado por Gonçalves *et al.* (2007, p. 15). Seguindo os autores, a noção de “gramática emergente” é assumida por vários estudiosos da GR e se dá em função da constante renovação do sistema linguístico, por exemplo, o fato de surgirem novas funções para formas já existentes e formas novas para funções que já existem. O que motiva essa renovação constante são necessidades comunicativas dos usuários da língua não satisfeitas ou “ausência de designação linguística para determinados conteúdos cognitivos” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 45). Estudos como Casseb-Galvão (2001) sobre a expressão *diz-que*; Travaglia (2003) sobre a GR de verbos indicativos de aspecto; Salomão (2008) sobre as construções modais com o verbo *dar*; Barreto (2013) sobre a GR de *no caso de*; Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016) sobre a GR de verbos modais no Português brasileiro; e Robuste (2018) sobre a construção [v1+ver] ilustram esse processo de mudança linguística.

Para Hopper e Traugott (1993) e Traugott (1995), a GR é definida como um processo pelo qual itens lexicais passam a exercer, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais, ou, quando já são gramaticais, eles continuam a desenvolver funções ainda mais gramaticais na língua. Tal definição está ancorada

em uma concepção mais clássica de GR, cujo foco do processo de mudança está, em geral, voltado para a análise do item linguístico isoladamente e não para a construção como um todo. No entanto, fenômenos de mudança linguística que tomam a construção como unidade de análise já eram discutidos por Hopper e Traugott (1993), ao analisarem, por exemplo, o processo de mudança de *be going to* como marcador de futuro no Inglês, justamente por defenderem que, nesse caso, o valor de futuro emerge não somente da mudança semântica da perífrase verbal, mas também da relação dela com os demais componentes da oração. Assim, segundo os autores, é possível identificar no Inglês usos que vão do uso do verbo *to go* como deslocamento no espaço, passando por usos atrelados a estruturas de finalidade, até chegar aos casos em que o verbo passa a indicar deslocamento no tempo.

Para os estudos de GR, “os componentes da linguagem (pragmático, semântico, sintático) não são vistos de forma isolada, mas sim como dimensões que se inter-relacionam” (BARRETO; SOUZA, 2016, p. 82). O mesmo posicionamento é assumido por Hengeveld e Mackenzie (2008), ao entenderem que, na Gramática Discursivo-Funcional (doravante, GDF), a pragmática governa a semântica; a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. A organização em “cascata” existente entre níveis de organização da linguagem é certamente determinada pela organização *top-down* da gramática (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-13)¹ e mostra que, de alguma forma, há processos de mudança linguística que podem envolver alterações semânticas, sem envolver mudança categorial, e outros que provocam mudanças tanto no que se refere ao sentido quanto no que se refere à forma (HENGEVELD, 2017).

Este trabalho se propõe a analisar, sob o aparato teórico da GDF, o processo de GR do verbo *olhar*. Para tanto, tomamos, como amostra de análise, inquéritos do português falado do interior paulista do banco de dados IBORUNA, que cobre o início do século XXI, visto que, ao se apoiar na vertente funcionalista para estudar a linguagem, analisar usos reais, é fundamental. Ademais, os dados presentes neste trabalho são parte dos resultados obtidos por Nogueira (2021), apresentados sob a forma de dissertação de mestrado.

O presente artigo se divide em duas seções. A primeira aborda conceitos teóricos da GDF e da GR relevantes para o fenômeno investigado; e a segunda seção discute os resultados obtidos a partir dos usos de *olhar* averiguados no *corpus* investigado. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências que embasaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Pressupostos teóricos

O modelo hierárquico da GDF

Para a GDF (Hengeveld; Mackenzie, 2008), a gramática é hierarquicamente organizada em níveis e camadas de complexidade linguística: *Nível Interpessoal* (lida com os aspectos pragmáticos da língua), *Nível Representacional* (lida com os

¹ Cf.: “within the top-down organization of the grammar, pragmatics governs semantics, pragmatics and semantics govern morphosyntax, and pragmatics, semantics and morphosyntax govern phonology” (p. 13).

aspectos semânticos da língua), *Nível Morfossintático* (analisa o modo como as línguas codificam morfossintaticamente as suas informações gramaticais) e o *Nível Fonológico* (consiste no sistema de codificação fonético-fonológico: fala e escrita; plano da expressão). Só descreveremos, aqui, os níveis Interpessoal e Representacional, pois é onde atuam os usos descritos na seção seguinte.

O **Nível Interpessoal** trata dos aspectos formais de unidades linguísticas que refletem seu papel na interação falante-ouvinte. As unidades desse nível se organizam como:

(π M ₁ : [Movimento
(π A ₁ : [Ato Discursivo
(π F ₁ : ILL (F ₁): Σ (F ₁))	Ilucução
(π P ₁ : ... (P ₁): Σ (P ₁)) _S	Falante
(π P ₂ : ... (P ₂): Σ (P ₂)) _A	OuVerbo intransitivoe
(π C ₁ : [Conteúdo Comunicado
(π T ₁ [...] (T ₁): Σ (T ₁)) _Φ	Subato de Atribuição
(π R ₁ [...] (R ₁): Σ (R ₁)) _Φ	Subato de Referência
] (C ₁): Σ (C ₁)) _Φ	Conteúdo Comunicado
] (A ₁): Σ (A ₁)) _Φ	Ato Discursivo
] (M ₁): Σ (M ₁))	Movimento

Figura 1- As camadas de organização do Nível Interpessoal

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 51).

O *Movimento* (M) constitui a camada mais elevada da hierarquia e descreve o segmento inteiro de discurso, que é considerado relevante no processo de interação entre falante e ouvinte. Um Movimento é constituído de um ou mais Atos discursivos, ou seja, unidades linguísticas que incluem desde estruturas predicativas completas até frases nominais (holófrases), que são temporalmente ordenados e formam, juntos, o núcleo (simples ou complexo). Cada *Ato discursivo* (A) se organiza com base em um esquema *Ilucionário* (ILL), que contém dois *Participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o Conteúdo Comunicado (C) como seus argumentos. O *Conteúdo Comunicado* contém um número variável de *Subatos Atributivos* (A) e *Referenciais* (R), aos quais são atribuídas funções pragmáticas (Tópico, Foco etc.).

Os *Subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser: *Atributivo* e *Referencial*. O *Subato Atributivo* (ΠT1) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade, como por exemplo, *Está chovendo*, em que o falante evoca somente uma propriedade meteorológica sem fazer menção a nenhum referente; *chover* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *Subato Referencial* (ΠR1), por outro lado, ocorre quando o falante evoca um referente, como por exemplo: homem, mesa, casa etc.

O **Nível Representacional** da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. As categorias representacionais se referem à designação e não à evocação (que ocorre no Nível Interpessoal). As unidades linguísticas no Nível Representacional se organizam como:

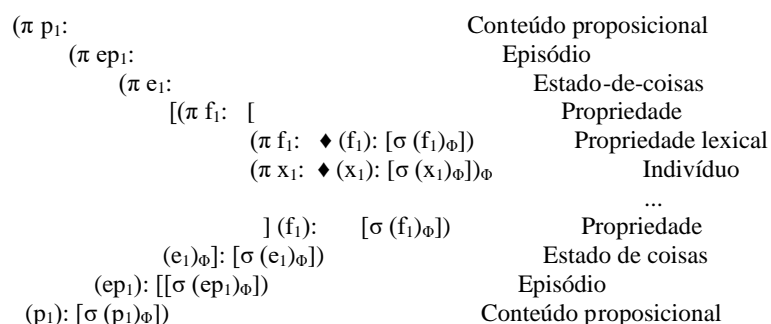


Figura 2- As camadas de organização do Nível Representacional

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 55).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as unidades linguísticas são descritas no Nível Representacional em termos do tipo de entidade que elas designam. Para a GDF, o *Conteúdo Proposicional* (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do desse nível, seguida pelo Episódio e pelas demais camadas. Organizados, assim, de forma hierárquica, os Conteúdos Proposicionais contêm *Episódios* (ep), que podem ser constituídos por um ou mais *Estado-de-coisas* (e) dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade *Temporal* (t), *Locativa* (l) e uma manutenção dos *Indivíduos* (x) envolvidos. Nesse modelo, os eventos são caracterizados por uma ou mais *Propriedades* (f_1), que, por sua vez, podem conter descrições de *Indivíduos* (x) e *outras propriedades* (f_2).

Como é descrito o processo de GR na GDF

A GR é descrita no modelo teórico da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), como um processo de expansão funcional de itens linguísticos que estabelece entre camadas e níveis de organização hierárquica da gramática (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017; dentre outros), de modo que, uma vez iniciado o processo, o esperado é que o item em questão desenvolva um trajeto de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional, e, assim, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal (BARRETO; SOUZA, 2016). Nesse caso, o percurso inverso de mudança linguística não é aceito pela GDF, uma vez que, após alcançado um ponto específico nas camadas ou nos níveis, o item não pode se mover para camadas ou níveis mais baixos.

De acordo com Hengeveld (2017), na GDF, os processos de GR são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, que seguem percursos previsíveis (BARRETO; SOUZA, 2016): com relação ao conteúdo, essas mudanças implicam um aumento gradual e sistemático no escopo, enquanto na questão formal, tais mudanças implicam uma diminuição gradual e sistemática na lexicalidade.

Para Barreto e Souza (2016), as concepções de GR de autores como Heine *et al.* (1991), que definem a GR como um processo cognitivo, em que conceitos concretos (atividade, espaço etc.) são utilizados para explicar conceitos mais abstratos (como tempo), e Hopper e Traugott (1993), que concebem a GR como um

processo crescente de pragmatização, em que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual e em sentido unidirecional, encontram-se, de alguma forma, refletidas no modelo de GR de Hengeveld (2017), como se vê na figura 3:

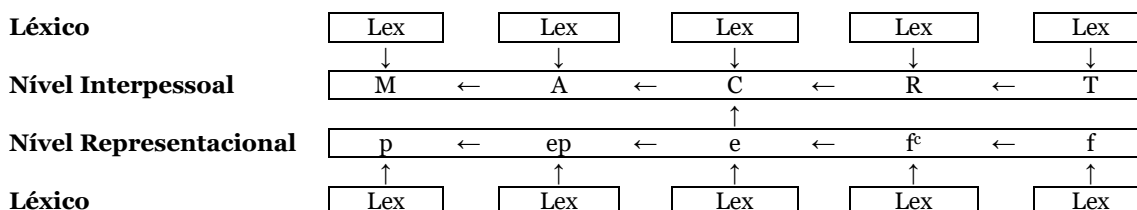


Figura 3- Proposta de mudança de conteúdo na GDF

Fonte: Hengeveld (2017, p. 12, tradução nossa).

Por meio do esquema, é possível notar que as mudanças de conteúdo podem ocorrer de maneira independente, mas sempre respeitando uma trajetória que vai do léxico para a gramática ou da gramática para algo mais gramatical. Nesse caso, o ponto de corte pode ocorrer em qualquer camada de qualquer nível, mas uma vez iniciado o processo de mudança de um determinado item, não é esperado, como alega Hengeveld (2017), que ele se mova para camadas mais baixas (anteriores ao ponto de partida do processo de GR). Estudos como os de Barreto e Souza (2016), Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016) e Narrog, Hengeveld e Olbertz (2017) comprovam essa trajetória de mudança.

No tocante às mudanças formais, Hengeveld (2017) prevê a seguinte trajetória: *lexema* > *operador lexical* > *operador*, que é uma forma de registrar a mudança no estatuto categorial dos itens linguísticos, que vão perdendo seus conteúdos plenos (verbo lexical) e adquirindo, ao longo do processo, traços mais abstratos/gramaticais (operadores e funções). Tal proposta teórica, que combina mudanças de conteúdo e mudanças formais, é adequada para explicar e sistematizar os diferentes usos do verbo “olhar” no Português brasileiro.

Análise e discussão dos usos de *olhar*

Hengeveld *et al.* (2019) descrevem os padrões semânticos dos possíveis complementos dos verbos de percepção no português brasileiro, o que pressupõe o início do processo de GR, visto que, ao expandir as possibilidades de escopo dos complementos verbais, o verbo se abstratiza: ao passo que perde traços lexicais de sentido pleno de algo ser percebido por meio da visão, passa a adquirir traços de percepção mental e, posteriormente, traços gramaticais, em que atuam exclusivamente na interação discursiva.

Vejamos as seguintes ocorrências, que exemplificam usos de *olhar* ancoradas ao Nível Representacional da GDF, respectivamente, nas camadas do Indivíduo, do Estado-de-Coisas, do Conteúdo Proposicional.

(1) *eles foram lá deba(i)xo... olharam a árvore e não conseguiram vê ele... (AC-063; NR: L.759-760).*

(2) *Inf.: é... a gente estudava na mesma escola em classes separadas e:: a gente ficou um ano estudando junto e era só amizade era oi daqui oi dali quando foi um dia... eh::*

sabe lá acho que o cupido né ((risos)) a gente começou se **olhar** diferente né a gente começou a conversar MAis que a gente assim não paRAva né (AC-104; NE: L. 1-6).

- (3) aí vim embora fiquei quaren::ta e cinco dias com esse gesso [Doc.: é?...] quarenta e cinco dias... ia lá sem::pre... fazia o raio-x::... **olhava se tava machucan::do se tava doen::do...** mas teve que ficá(r)... quarenta e cinco dias (AC-122; NE: L. 112-114).

Na ocorrência (1), o verbo *olhar* funciona como verbo pleno, cujo sentido é de que algo é percebido pela visão e, portanto, não se encontra em processo de GR, porque preserva seu sentido original. *Olhar*, nesse caso, é um lexema verbal usado para predicar dois lugares, ou seja, requer dois argumentos, estabelecendo, assim, uma relação de transitividade entre um indivíduo (*eles*) e a entidade percebida pela visão, que também designa um indivíduo (*árvore*). Em (2), o verbo atua, ainda, como predicador verbal, mas, agora, na camada do Estado-de-Coisas, pois o que é percebido pela visão é a ação de se olharem; portanto, o verbo toma como complemento um estado-de-coisas, que é representado pela oração *olhar-se*. Em (3), também não há mudança de forma, porque *olhar* é, ainda, um lexema; porém o sentido empregado, nesse contexto, se encontra ainda mais distanciado do sentido prototípico de algo ser percebido pela visão, justamente por expressar percepção mental. Em (3), o verbo toma, como complemento, uma oração que designa um Conteúdo Proposicional (*se tava machucando...*). Com este exemplo, ilustramos um uso que opera na camada mais alta do Nível Representacional, justamente porque indica uma avaliação, apreendida por meio de inferência, que o falante faz acerca de uma determinada situação.

A ocorrência (4), a seguir, atestada também por Robuste (2018) e Prezotto jr. (2020), ilustra um contexto, em que o item verbal em apreço compõe a perífrase verbal *deixar + olhar* de natureza modal, remetendo à ideia de permissão/possibilidade, designando, assim, uma construção de valor perifrástico modal de permissão. Portanto, assumindo o estatuto formal de operador lexical. Vejamos:

- (4) *ela vi/ o louva-deus estava três vezes maior do que ele era... e ele emitia um barulho horrí::vel... o be(i)jaflorzinho coitado tentava assustá(r) o:: o louva-deus mas não conseguia... e a minha irmã falô(u) assim – “bom deve tê(r) alguma coisa errada aqui nesse (meio) né? **de(i)xa eu olhá(r) direito**”– aí ela viu que o be(i)ja-flor tinha um ninho... ali pertinho... e:: acho que o:: louva-deus coitado ((risos)) tava querendo comê(r) os ovinhos do be(i)já flor (AC-084; NR: L.92-97).*

Verificamos, em decorrência dos usos exemplificados em (1), (2), (3) e (4), a seguinte atuação no Nível Representacional: [Indivíduo < Estado-de-Coisas < Episódio < Conteúdo Proposicional]; e, a partir dos casos descritos, averiguamos que *olhar* manteve o estatuto formal de lexema verbal e operador lexical.

Nas ocorrências abaixo, estão ilustrados os usos de *olhar* ancorados ao Nível Interpessoal, que atuam, respectivamente, nas camadas da Ilocução, do Conteúdo Comunicado, do Ato Discursivo e do Movimento. Vejamos:

- (5) *era muito gostoso... falá(r) – “nossa trabalho na TAM”– tudo É muito gostoso... mas num:: era q/ aquilo que eu queria eu gostava mesmo é de tá lá co/ com contato com os passage(i)ros de tá indo no avião... eu gosto muito DO avião... aí eu peguei e::... teve*

uma reunião a dona I. perguntô(u)... se eu tava feliz... com o meu trabalho né? aí eu fui bem sincero com ela falei assim –“**óh** dona I. gosTÁ(r) eu GOSto... mas eu sô(u) muito mais feliz quando eu tô no aeroporto que é de final de semana que eu tô cobrin(d)o escala né?” (AC-051; NE: L. 127-133).

(6) Ave Maria é maravilhosa linda essa música eu acho a coisa mais linda essa música... que eu ia tê(r) que... mudá(r) um padrão de vida eu vejo assim sabe? [Doc.: uhum ((concordando))] porque... é uma tradiÇÃO... certas coisas na vida da gente que a gente tem que mudÁ(r)... então já tinha nascido... as/ como se fosse assim **óh**... –“V. você vai nascê(r)... você vai aprendê(r)... você vai nascê(r) nessa religião... você vai aprendê(r) sobre isso e”... é o que eu te falei... eu respeito muito Maria... (AC-106; NR: L. 318-324).

(7) Inf.: [obrigade(i)ro branco?] o mesmo jeito do brigade(i)ro preto você vai colocá(r)... o leite condensado... a mante(i)ga... só... você pode fazê(r) no microondas ou você pode fazê(r) [na panela]

Doc.: [só leite] condensado e a [mante(i)ga?]

Inf.: [e a mante(i)ga]... mais nada

Doc.: e aí... né?

Inf.: **óh**... eu faço no microondas que é muito mais fácil fazê(r) no microondas... então eu ponho dois minutos.. ponho um po(u)quinho de mante(i)ga (AC-106; RP: L. 618-625).

(8) voltando na Grécia eles estão mu::ito preocupado com segurança... Deus queira que não igual a repórter falô(u)... –“que os deuses do Olimpo éh::... protejam os atletas e os turistas”– mas **olha**... fa/ qual/ vão tê(r) mu::ito serviço e tomara que num aconteça... NAda... mas... por mais que... tenha segurança... eu acho que um:: que vão fazê(r) alguma coisa na Grécia porque é mu::ita gente são mu::itos turistas muitos... nos Estados Unidos que tem um espaço aéreo super::... observado tudo aconteceu tudo o que aconteCEU... na Grécia -- não:: menosprezan(d)o o país né? (AC-051; RO: L. 480-486).

As ocorrências (5) e (6) exemplificam usos de *olhar* vinculados à dimensão pragmática da língua. Em ambos os casos, o item linguístico se encontra sob o estatuto formal de operador gramatical, pois, em (5), expressa mitigação de ilocução, que funciona como estratégia de polidez do falante em busca da preservação da face do interlocutor, atenuando, assim, a força ilocucionária, visto que a conjunção adversativa (*mas*) denuncia a quebra de expectativa acerca do conteúdo que será comunicado (*gosTÁ(r) eu GOSto... mas [...]*); e, em (6), *olhar* é introdutor de um conteúdo comunicado, no caso, a em que a forma gramaticalizada (*óh*), seguida de um elemento catafórico (*assim*), atua na inserção de um discurso que é produzido por um terceiro (“V. você vai nascê(r)... você vai aprendê(r)... você vai nascê(r) nessa religião... você vai aprendê(r) sobre isso e”). Em (7) e (8), *olhar* adquire traços ainda mais gramaticais e se encontra sob o estatuto formal de função, atuando como marcadores discursivos. A emergência de marcadores discursivos por meio de verbos de percepção visual é atestada também por trabalhos como Rost (2008), Ros-Snichelotto (2009), Carvalho (2017) e Carvalho e Gomes (2017). Em (7), a função do marcador discursivo (*óh*) é voltada para a aprovação discursiva por parte do falante, que busca chamar a atenção do interlocutor acerca do que é discutido, buscando seu engajamento em relação ao

tópico discursivo. Em (8), *olhar* tem função discursiva adversativa reforçada pela conjunção (*mas*), servindo como articulador de dois atos discursivos.

Verificamos, por meio dos dos usos ilustrados em (5), (6), (7) e (8), a seguinte atuação de *olhar* no Nível Interpessoal: [Ilocução < Conteúdo Comunicado < Ato discursivo < Movimento]; sob o estatuto formal de operador gramatical e função.

O item linguístico *olhar*, conforme observamos a partir das ocorrências dispostas no presente artigo, perde o estatuto lexical de verbo pleno predicador de dois argumentos, cujo conteúdo semântico designa percepção visual de algo e, gradativamente, ganha traços gramaticais, adquirindo o estatuto formal de função, que opera no contexto comunicativo; seu uso é voltado para a interação entre falante e ouvinte e/ou para a organização discursiva. Essa expansão funcional, conforme previsto por Hengeveld (2017), se reflete nas camadas e níveis, hierarquicamente dispostos, da GDF: os usos desenvolvem um trajeto de mudança que se inicia nas camadas mais baixas do Nível Representacional e ruma às camadas mais altas e, sucessivamente, das camadas mais baixas para as mais altas do Nível Interpessoal.

Considerações finais

Nosso objetivo, nesse artigo, foi descrever e analisar usos do verbo *olhar* no português falado do interior paulista com base nos pressupostos teóricos da GR (HEINE *et al.*,1991; TRAUGOTT, 1995, 2005; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003) e da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; HENGEVELD, 2011, 2017). Tendo em vista o cunho Funcionalista dessa pesquisa, utilizamos, como universo de investigação para análise, o *corpus* do IBORUNA coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP), cujos inquéritos retratam usos reais da língua.

Os resultados obtidos apontam a combinação de mudança formal e de conteúdo prevista por Hengeveld (2017) acerca do processo de GR e sua descrição na GDF. A primeira pressupõe a perda gradativa e sistemática da lexicalidade, seguindo a trajetória prevista pelo autor: *lexema (item pleno de conteúdo) > operador lexical (itens híbridos) > operador (itens gramaticais/funções)*; enquanto a mudança de conteúdo pressupõe aumento gradual e sistemático de escopo, que se reflete na atuação nas camadas e níveis de organização hierárquica da gramática, conforme ilustrado na figura 4:

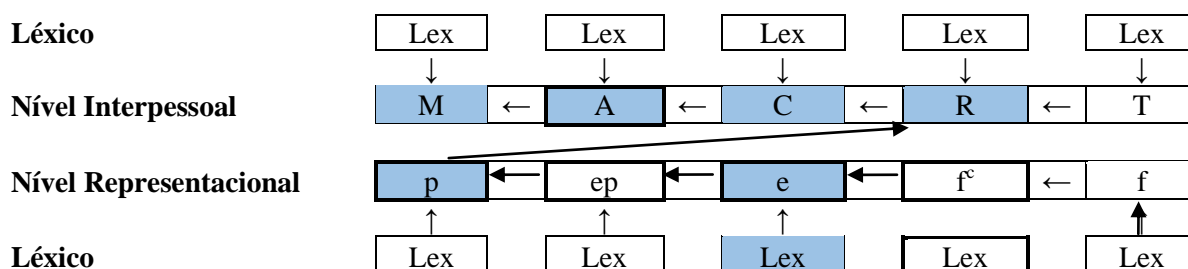


Figura 4- Mudança de conteúdo de *olhar* no português falado do interior paulista

Fonte: Adaptado de Hengeveld (2017, p. 12).

A figura 4 ilustra a trajetória unidirecional em termos de mudança de conteúdo (escopo/expansão funcional) de *olhar* no que diz respeito aos níveis e camadas de organização da gramática proposta pela GDF. Observa-se o ponto de corte, ou seja, em qual camada o lexema começa a atuar e sua trajetória unidirecional para as camadas mais altas e, sucessivamente, das camadas mais baixas, seguindo para as mais altas do nível mais alto (Nível Interpessoal).

Por fim, os usos mais gramaticalizados atestados na amostra analisada são os usos de *olhar* enquanto marcadores discursivos, nos quais há um desbotamento semântico e aquisição de traços abstratos/gramaticais. Exercendo função interacional-discursiva, portanto, atuando nas camadas do Nível Interpessoal da gramática, ou seja, no âmbito pragmático da língua.

Referências

BARRETO, K. E. S. A funcionalidade de “no caso de (que)” no português brasileiro: um caso de gramaticalização. 2013. 293 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.

BARRETO, K. E. S.; SOUZA, E. R. F. A gramaticalização de no caso de no português brasileiro: um enfoque discursivo-funcional. *Guavira Letras Três Lagoas*, v. 1, n. 22, 2016. p. 80-104. Disponível em: <http://bit.ly/2m24fNc>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.). Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

CARVALHO, C. S. Gramaticalização e contexto morfossintático: O que acham, olham e dizem os falantes soteropolitanos. *In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO L. M. J. (orgs.). Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106.

CARVALHO, C. S.; GOMES, J. C. C. OLHA, OLHE e OH: gramaticalização do verbo OLHAR na fala popular soteropolitana. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*, v. 57, 2017. p. 297-218.

CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), 2011. p. 305-355.

CUNHA, M. A. F. da, *et al.* Pressupostos teóricos fundamentais. *In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org).* *Linguística funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-45.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 15, 2016. p. 1-14.

FONTES, M. G. A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2016.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. In: Relatório científico parcial II à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.

GONÇALVES, S. C. L., *et al.* (orgs.). Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B., *et al.* Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: NARROG, H.; HEINE, B. The Oxford Handbook of Grammaticalization. New York: Oxford University Press, 2011. p. 577-591.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas. Trad. Marize Mattos Dall’Aglion-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p.43-82.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective. [Trends in Linguistics. Studies and Monographs 311]. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 13-30.

HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). A functional perspective on the grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality. The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017. p. 1-12.

HENGEVELD, K., *et al.* Perception Verbs in Brazilian Portuguese: A Functional Approach. Open Linguistics, v. 5, 2019. p. 268-310.

HOPPER, P. TRAUGOTT, E. Grammaticalization. Cambridge: University Press, 1993.

NOGUEIRA, L. C. *A gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.

PREZOTTO JR., J. R. As microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” no português na expressão de aspecto final. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2020.

ROBUSTE, T. B. Construções [V1+VER] no português brasileiro contemporâneo sob a perspectiva construcional. 2018. 149 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, 2018.

ROST, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura, v. 7, 2008. p. 109/7-130

ROST-SNICHELOTTO, C. A. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=182489. Acesso em: 12/04/2021.

SALOMÃO, M. M. M. Construções modais com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun. 2008. p. 83- 115.

TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Stanford: Stanford University, 1995. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2015.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. *In*: RAYMOND, H. (ed.). *Motives for Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAVAGLIA, L.C. Verbos gramaticais - Verbos em processo de gramaticalização *in*: FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E. S., TRAVAGLIA, L. C. e MORAES FILHO, W. B. (orgs.). *Língua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 97-157.

Para citar este artigo

NOGUEIRA, Lua Camilo. Uma análise dos usos de olhar no português falado do interior paulista. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1259-1270, set.-out. 2021.

A autora

Lua Camilo Nogueira é mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/IBILCE). Linha de pesquisa: Descrição e Análise Funcional de Língua Falada e Escrita.